

A Fortaleza de Humaitá: entre o mito e a realidade*

The Fortress of Humaita: between myth and reality

Eduardo Nakayama

Mestre em História pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Advogado, formado pela Faculdade de Direito e Ciências Sociais da Universidade Nacional de Assunção com pós-graduação em Direção Estratégica pela Universidade de Belgrano em Buenos Aires. Foi fundador e ex-presidente da Associação Cultural Manduarã, ex-diretor da Academia Liberal de História e membro das seguintes academias e institutos: Academia Paraguaya de la História (APH), Instituto de Geografía e História Militar do Brasil (IGHMB), Instituto de Investigaciones Históricas y Culturales de Corrientes (IIHCC) e do ICOFORT/UNESCO.

RESUMO

A Fortaleza de Humaitá foi a obra mais importante de engenharia militar da República do Paraguai realizada na Época dos López (1841-1870). Ainda que desde os tempos do Doutor José Gaspar Rodríguez de Francia, na Época da Independência (1811-1840), já existisse ali uma guarda fluvial, tal guarda era modesta e a sua construção materializou-se só depois do grave conflito diplomático com o Império brasileiro, que derivou na expedição do Almirante Pedro Ferreira de Oliveira (1854-1855) e outro impasse internacional, neste caso com os Estados Unidos, após o incidente com o navio *Water Witch*. Durante a Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870), a Fortaleza de Humaitá, no *Cuadrilátero* paraguaio, foi o centro vital da defesa paraguaia e em torno da qual se desenvolveu a maior parte do conflito bélico, durante a Campanha de Humaitá (1866-1868).

PALAVRAS-CHAVE: Paraguai; Humaitá; Passagem

ABSTRACT

The Humaitá Fortress was the most important military engineering work of the Republic of Paraguay in the López Period (1841-1870). Although since the time of Doctor Jose Gaspar Rodríguez de Francia, in the period of Independence (1811-1840), there had already been a river guard, such a guard was modest and its construction materialized only after the serious diplomatic conflict with the Empire which led to the expedition of Admiral Pedro Ferreira de Oliveira (1854-1855) and another international impasse, in this case with the United States, after the incident with the *Water Witch*. During the War of the Triple Alliance (1864-1870), the Humaitá Fortress in the Paraguayan Quadrangle was the vital center of the Paraguayan defense and around which most of the war broke out during the Humaitá Campaign (1866- 1868).

KEYWORDS: Paraguay; Humaitá; Passage

* Artigo recebido em 14 de maio de 2018 e aprovado para publicação em 29 de maio de 2018. Traduzido por Luara Gorgulho: licenciada em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Possui cursos de filosofia e sociologia pela Fundação Getúlio Vargas.

Quando explodiu a Guerra da Tríplice Aliança, existiam três fortificações no sistema fluvial Paraguai-Paraná-Prata que buscavam servir como “barreiras” para hostilizar os adversários em caso de conflito: 1) a Ilha Martín García, no Prata, controlada pela Argentina; 2) Humaitá, ao norte da confluência dos Rios Paraguai e Paraná, controlada pelo Paraguai; e 3) Coimbra, no alto Rio Paraguai, controlada pelo Império do Brasil.

Destas três, a primeira estava em fase de construção, não representando um perigo real em caso de ataque massivo e, portanto, não podia garantir um bloqueio no Prata, enquanto que a Fortaleza de Coimbra, no alto Paraguai, apresentava um outro aspecto, diferente do atual e embora tivesse elementos suficientes, faltava uma Força organizada para fazer frente a uma invasão como a paraguaia, ocorrida no final de 1864. Portanto, Humaitá era a única que cumpria sua função incutindo medo e respeito, mesmo que superestimada pelas Forças aliadas, que demorariam mais de dois anos para sitiá-la completamente e forçar seu abandono.

Clausewitz sustenta que a defesa tem por objetivo deter um golpe e, portanto, a característica de uma boa defesa estará determinada pela capacidade de esperar e suportar esse golpe¹. A Fortaleza de Humaitá representa então, por excelência, a defesa paraguaia, seu centro nevrálgico e onde esperava que o principal ataque dos aliados para forçar sua entrada e avançar para Assunção, o segundo objetivo como *hinterland* paraguaio, em caso de que os aliados não optassem por contornar aquela defesa ou rendê-la por fome e bloqueio.

Em todos os planos de guerra esboçados pelos generais imperiais no início do conflito, se alude direta ou indiretamente à fortaleza de Humaitá, e enquanto a maioria concordou com a necessidade de superar essa posição, outros sugeriram flanqueá-la total ou parcialmente em operações diferentes ou combinadas para evitar o choque, mas essas alternativas foram descartadas, sobretudo depois das ofensivas paraguaias ao sul, e a aliança do Império com a Argentina, que determinaram que a direção do ataque ou contraofensiva aliada se desse

em direção ao norte, tendo Corrientes como base operacional².

Localizada na margem esquerda do Rio Paraguai, ao sul de Assunção e dos vilarejos de Villa del Pilar e Villa Franca de los Remolinos; e ao norte de Paso de Pátria e Itapiru. Favorecida pela sua localização, a fortaleza controlava o acesso por via fluvial à capital, constituindo-se no mais poderoso e temido bastião do sistema defensivo paraguaio. Porém, durante a época do Doutor Gaspar Rodríguez de Francia (1765-1840), Humaitá não passava de um austero posto de guarda e foi assim até a primeira parte do governo de Dom Carlos Antonio López.³

A autoria da concepção e construção da fortaleza foi atribuída erroneamente aos artilheiros imperiais Villagrán Cabrita e Hermeñildo de Portocarrero por vários autores como Schneider, Paranhos, Nabuco, Ouro Preto e ultimamente, Doratioto. Se bem, é certo que Cabrita e Portocarrero foram instrutores de artilheiros paraguaios em 1851 sucedendo a outra missão anterior de 1847 a 1849, que incluiu Francisco Domingo Caminade e João Soares Pintos, todos tendendo a preparar oficiais paraguaios para uma eventual invasão do ditador argentino Rosas ao Paraguai, Humaitá não foi concebido ou construído por oficiais imperiais brasileiros, como será visto.

A construção da fortaleza teve início só depois das primeiras divergências com o Império do Brasil, então esse mito é “absolutamente falso” nas palavras de Gregorio Benites⁴, que explica de forma sucinta e cronológica que a construção da fortaleza data de 1855, quando a República do Paraguai se viu ameaçada pela expedição punitiva comandada pelo Almirante Pedro Ferreira de Oliveira, uma versão que coincide plenamente com obras sob a guarda do Arquivo Nacional de Assunção e com toda documentação sobre essa defesa, que mostra itens de materiais daquele ano até o início da guerra⁵, durante os quais melhorias ainda foram feitas nas defesas⁶.

Benites recorda que na ocasião do grave incidente de 1855 com o Império, Dom Carlos Antonio López ordenou a evacuação de Paso de Pátria e seu traslado a Humaitá, que então era uma simples guarda fluvial.

Logo que chegou o Exército paraguaio em seu novo acampamento, o chefe do Estado-Maior, o então Coronel Wenceslao Robles, dispôs o desmonte e limpeza de toda a localidade para estabelecer ali os quartéis. Em poucos dias, chegou Francisco Solano López em companhia do Coronel Wisner⁷, prosseguindo sem perda de tempo para a demarcação de todas as baterias que foram construídas rapidamente nas beiras do rio, trabalhando nas obras dia e noite, revezando os contingentes das diferentes armas até que estivessem concluídas e prontas, em menos de quinze dias. A verdade é que “o Império obrigou o Paraguai, com a ameaça da sua Esquadra, em 1855, improvisando o Sebastopol paraguaio”⁸.

Além do conflito diplomático com o Império do Brasil, no mesmo período foi registrado outro com os Estados Unidos, desencadeado pelo incidente com o *Water Witch* (1855), que resultou na morte do marinheiro estadunidense Samuel Chaney, após o bombardeio sofrido por parte do Forte de Itapirú. Anos depois, uma expedição punitiva ao Paraguai foi organizada com a intenção de exigir satisfações do governo paraguaio, ocasião em que se verificaram progressos na fortificação, considerada pela Harper's Weekly como “a chave do Paraguai”⁹.

As melhorias da fortaleza de Humaitá continuaram por mais de dez anos até o início da guerra, pois, mais tarde, represas foram incorporadas para inundar os campos de muralhas extras, a fim de impedir as manobras dos Exércitos invasores, com medo de um ataque ao lado da terra. Uma linha de fortificações de mais de 2.000 metros foi erguida na margem esquerda do Rio Paraguai, construída de barro compacto, tijolos e troncos de madeira maciça (*urunday* e *quebracho*), com grupos de parapeitos e oito baterias separadas de canhões. As medidas exatas e os cortes de perfil são registrados no levantamento topográfico realizado pelo engenheiro polonês a serviço do Exército argentino Roberto Chodaziewicz¹⁰, após a ocupação de Humaitá em agosto de 1868.

Chodaziewicz descreve o *Cuadrilátero* como um terreno de 3.548 metros quadrados de escaldões e comunicado por dez

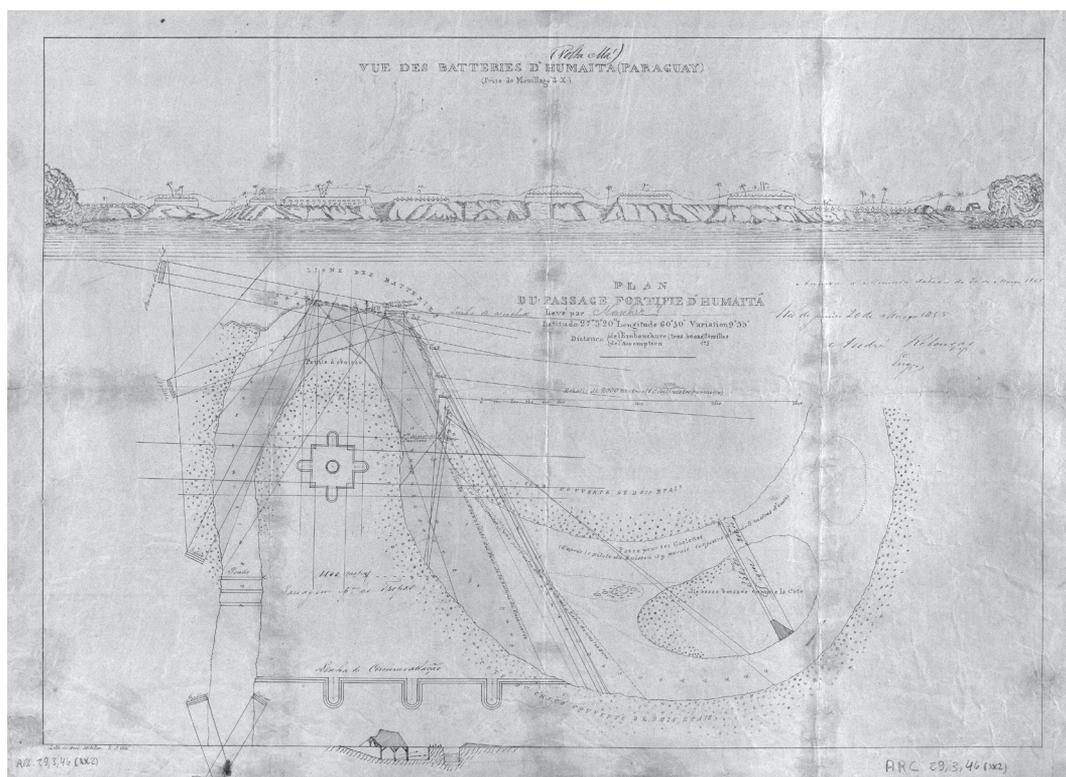
escritórios telegráficos. Sobre as barragens que Thompson introduzira, ele diz¹¹:

O Estero Rojas tem uma drenagem na Lagoa Piris e vai de leste a oeste. No ponto 'A', foi construída uma barragem com a qual a água foi elevada um metro acima do nível natural e, em seguida, o dreno foi feito pela vala 'B', que tem uma comporta em sua boca. O Estero Tuyutí tem diferentes drenos, no ponto 'C' o dreno foi alojado, bem como em alguns outros riachos dentro da montanha. Na inundação de fevereiro deste ano (refere-se a 1868), as obras feitas no cânion do rio em Curupaty desmoronaram.¹²

Com 150 metros de frente e 6 metros de altura, a Bateria Londres era a mais notável das oito. Construída por técnicos ingleses sob a direção de Thompson – razão de seu nome –, consistia numa longa janela de tijolos com paredes de quase dois metros de largura e coberta de arcos compactos de barro. Com uma abertura para 16 canhões, montou dois de 68 libras, dois de 56, três de 32 e um de 8.75 polegadas.

O telhado engenhoso foi projetado para saltar ou desviar algumas balas de canhão que caíssem sobre ele em certos ângulos. As outras sete baterias estavam localizadas principalmente em plataformas altas de barbeta, com telhados de vime e parcialmente reforçadas com paredes de tijolos ou barro. O poder do fogo foi dividido em Artilharia Permanente, que foi afixada na margem do rio, e a Artilharia Perimetral ou de Contorno, que guardava os outros flancos por terra.¹³

O perímetro fortificado se completava com mais de oito quilômetros de linhas que foram melhorados na década de 1860 integrados ao sistema de barragens, que oferecia assim uma resistência formidável por todos os flancos. Também construíram paióis em forma de *Tatakuá*¹⁴, com uma grande quantidade de pólvora negra, abrigos para 12 mil soldados, grandes armazéns para alimentos e armas, ferragens, serraria, carvão, hospitais e clínicas também foram construídos. No centro ergue-se a grande Igreja de San Carlos



Mapa das defesas costeiras da fortaleza de Humaitá, a área de ação das margens do barranco e um anel viário projetado pelo engenheiro imperial André Rebouças, datado no Rio de Janeiro, em 20 de março de 1865. O plano também contemplava a construção de pelo menos três pontes para a passagem de tropas de invasão.

Fonte: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

Borromeo. A cúpula da igreja com suas três torres foi o primeiro objeto visível quando os barcos faziam a curva de qualquer direção.¹⁵

Sob a direção de Thompson, mais baterias foram adicionadas e a linha de trincheiras que cercava a praça se ampliou. Uma corrente que ligava as duas costas começou a ser instalada e pretendia ser um obstáculo intransponível para a Esquadra, a menos que o rio subisse extraordinariamente. Suas ligações foram construídas com madeira *timbo*. Cada peça tinha seis metros de comprimento e 18 centímetros de largura, unidos por ganchos fabricados com trilhos de trem divididos em dois. Suas ligações foram construídas com madeira de timbouva. Cada peça tinha seis metros de comprimento e 18 polegadas de largura, unidos por ganchos fabricados com trilhos de trem divididos em dois. A corrente era um quarto maior que a largura do rio, e suas cabeças estavam

presas em quatro estacas fortes presas no chão. Embora mantido à tona por uma linha de canoas, pelo seu próprio peso estava quase todo debaixo d'água, os imperiais podiam atacar por um longo tempo com poucas chances de cometer algum dano.¹⁶

O quartel-general era sede do centro do Poder Militar paraguaio¹⁷. Durante a guerra, Humaitá tornou-se, de fato, a segunda cidade com a maior aglomeração demográfica depois de Assunção, superando-a até porque abrigava, no início da campanha e em todo o seu polígono fortificado, mais de 30 mil almas; no entanto, Humaitá não foi urbanizada como uma cidade, e seus principais edifícios eram limitados, além da Igreja de San Carlos Borromeo, quartéis e edifícios para fins militares, enquanto a maior parte das tropas acampava em quartéis atrás das linhas de defesa costeira (baterias principais), bem como o lado da terra.

Havia muita água, tanto para as tropas quanto para os cavalos, mas, exceto por pequenas hortas, a provisão de alimentos (vegetais, carne, farinha e mandioca) era feita principalmente de duas maneiras: uma do norte, por via fluvial vindo da capital, Assunção; e outra a leste, também por via fluvial, seguindo o curso do Tebicuary. No final da campanha, depois de cortar as principais rotas logísticas, uma última linha de comunicação foi mantida através do Chaco, mas foi finalmente abandonada quando as Forças foram transferidas para a costa de Tebicuary, em San Fernando.

O perímetro foi armado com um total aproximado de 200 canhões de calibres diferentes, as baterias costeiras cruzavam fogo com o reduto no lado oposto do rio, enquanto as correntes que cruzavam o rio receberam todo tipo de minas explosivas, tornando arriscada qualquer operação de tentativa de transferência. Devemos também mencionar o telégrafo¹⁸ e seu uso em Humaitá como outro avanço científico sem precedentes para a época e cuja construção e funcionamento ficou a cargo de Robert Fischer.¹⁹

Arthur Silveira da Motta, futuro Barão de Jaceguay, também manifesta o profundo respeito que a maioria dos marinheiros imperiais sentiam, não só pelo que significou a fortaleza de Humaitá como o ponto topográfico mais fortificado e armado, mas pela sua localização, dizendo que:

“O canal navegável corre próximo à margem esquerda. Desta conformação do leito do rio origina-se a incerteza da direcção da corrente, causa dos traidores remansos, onde muitas vezes neutraliza-se a acção do leme, na razão directa do comprimento dos navios. A velocidade da corrente é no canal de 3 ½ a 4 milhas por hora, segundo informam os prácticos. Para dar mais completa ideia do poder defensivo de Humaitá cumpre acrescentar que as suas baterias dominam, em toda a extensão do alcance maximo dos seus canhões de grosso calibre, os trechos do canal navegavel abaixo e acima da curva fortificada, o que expõe os navios a um fogo de

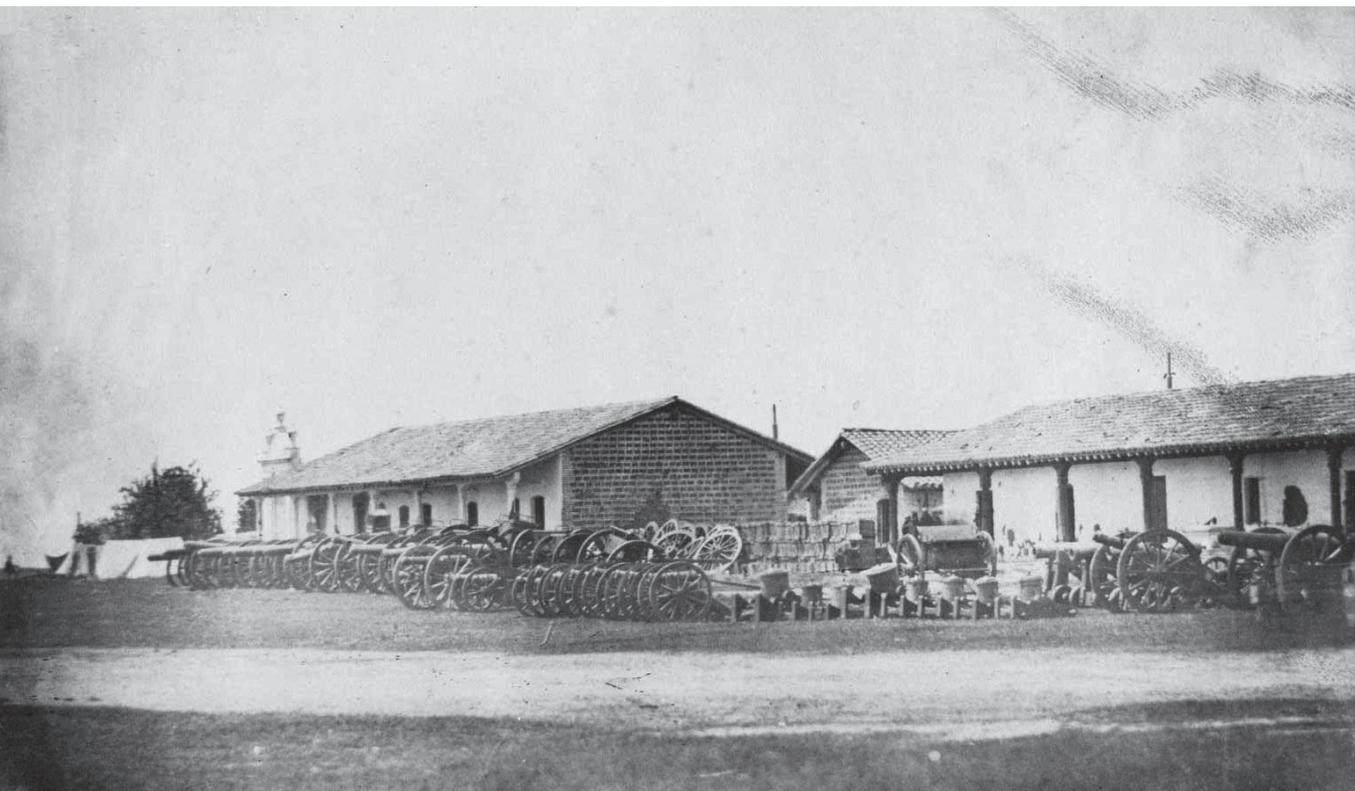
enfiada destructor muito antes e muito depois de transporem a volta. O navio que, depois de penetrar na volta, desgovernasse por força de avaria no leme ou uma machina motora, correria ainda o risco de ser lançado sobre o recife de rocha existente mais abaixo do receso onde começa o barranco”.²⁰

O próprio Caxias, no entanto, que, antes do abandono da fortaleza pelas Forças paraguaias em julho de 1868, também respeitava a fortaleza mítica, mudou de ideia uma vez que as tropas aliadas ocuparam a praça, como fica claro em uma carta enviada a Paranhos em 10 de setembro de 1868, onde afirmou:

o meu amigo está enganado na apreciação que faz do Humaitá pelo lado de Curupaity; pode ficar certo de que a linha negra até aquele ponto era com effeito tudo o que havia de meio fortificado; e nem creia o meu amigo, que o General Argollo tivesse dito o que lhe attribue. Eu também depois que entrei no Humaitá vi que aquela fortaleza não passava de um grande poteiro fortificado, devendo sua nomeada do mystério que a envolvia. Vi, que pela [marcha?] direita ella poderia ter sido com vantagem atacada, e mesmo nella teriamos entrado no día 16 de julho, se tivesse-mos querido perder mais 500 ou 600 homens (sic).²¹

A ocupação da fortaleza abandonada de Humaitá pelas tropas aliadas permitiu a chegada de outros estrangeiros, como no caso Burton²², que descreve as baterias de Humaitá criticando a falta de cobertura da barbeta, pois deixaram a artilharia desprotegida, embora afirme também que, na guerra moderna, aqueles construídos em um camarote provaram ser “meros matadouros”, para finalmente alertar que o erro estratégico cometido pelos paraguaios foi o mesmo que o dos confederados na Guerra Civil Americana, isto é, o espalhar-se em longas linhas de defesa em vez de concentrar seu poder de fogo em poucos pontos.²³

Do ponto de vista da ciência militar e da evolução na forma de guerrear, vale também



Parte do parque de artilharia paraguaio abandonado no reduto da Fortaleza de Humaitá pela última guarnição que foi evacuada em 24 de julho de 1868. Estas peças foram distribuídas entre os aliados e incluíram o famoso “canhão monstro” *El Cristiano*, levado para o Rio de Janeiro como troféu de guerra. Fonte: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

a pena conhecer a leitura europeia do longo cerco de Humaitá, já que de maneira profética um jornal de Madri chamado “La Guerra del Porvenir” ao tipo de guerras e características dos locais no futuro dizendo que

lembra Sebastopol, aquela imensa frente de redutos que parou por muito tempo os franceses e ingleses na Crimeia, e que permitiu à Rússia, espancada em Alma, enfrentar aos aliados e ter fortuna duvidosa por um longo tempo. Lembre-se de Alexandria e de Turim no início da Guerra da Independência da Itália, que impediu a invasão repentina do Piemonte. Lembre-se do Quadrilátero²⁴, sem o qual Veneza teria sido conquistada em cinco dias. Lembrem-se de Richmond, que imobilizou as Forças americanas durante meses e até anos, permitiu que 4 milhões

de homens contivessem 30 milhões. Lembra-se de Gaeta, atrás de cujos muros ele resistiu a Garibaldi, e nesses mesmos momentos há um ano Humaitá tem em xeque todas as Forças do Brasil. Os campos entrincheirados serão o último e supremo recurso dos Exércitos maltratados (...) Com a ciência mecânica dos engenheiros e o vapor como força motriz, serão obtidas coletas inéditas; neste, a procissão reserva grandes surpresas para nós. Concebe-se que todos estes instrumentos mudarão o caminho da artilharia e dos engenheiros e exigirão novas ferramentas, porque as de hoje serão rudes e imperfeitas, como filhos da arte da infância (...) a substituição na guerra dos homens pelas máquinas. Os Exércitos importam pouco; seu material decidirá tudo.²⁵

FONTES E REPOSITÓRIOS

Arquivos

Archivo Histórico del Museo Mitre (AHMM)

Archivo Nacional de Asunción (ANA)

Arquivo da Marinha do Brasil (DPHDM)

Arquivo Nacional do Brasil (AN)

Bibliotecas

Biblioteca Nacional de Asunción (Paraguay)

Biblioteca Nacional de España

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

Hemerotecas

Hemeroteca Digital de España

Princeton University Library, NineteenthCentury U. S. Newspaper Digital Archive

Bibliografía

BENITES, Gregorio. *Primeras batallas contra la Triple Alianza*. Villarrica: s/d, 1905

BURTON, Richard Francis. *Letters from the battlefields of Paraguay*. London: Tinsley Brothers, 1870.

CARDOZO, Efraím. *Hace 100 años*. Tomo III. Asunción: EMASA, 1977.

CARNEIRO DA ROCHA, Manuel. *Diário da Campanha Naval do Paraguai – 1866*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação da Marinha, 1999.

CLAUSEWITZ, Carl von. *De la guerra*. Libro VI, Capítulo 1: La Defensa. Barcelona: Idea Books, 1999.

CORRÊA-MARTINS, Francisco José. *A la sombra de Napoleón: planes de guerra de generales brasileños en el comienzo de la Guerra Guazú en: MEMORIA del Sexto Encuentro Internacional de Historia sobre la Guerra de la Triple Alianza*. Asunción: Asociación Cultural Manduarã, 2014.

DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra*. Buenos Aires: Emecé, 2004.

GRAU PAOLINI, Jaime Enrique. *La Marina en el Paraguay: Vol. 1, 2 y 3*. Asunción: Dirección de Comunicación de la Armada, 2011.

JACEGUAY, Arthur. *De Aspirante a Almirante 1860 a 1902: Tomo s/n (1895 a 1900)*. Rio de Janeiro: Typographia Leuzinger, 1907.

NAKAYAMA, Mateo y NAKAYAMA, Eduardo. *La Fortaleza de Humaitá: la Sebastopol de América*. Asunción: Servilibro, 2015.



PÉREZ ACOSTA, Juan Francisco. *Carlos Antonio López: obrero máximo*. Asunción: Servilibro, 2011.

PLÁ, Josefina. *Los británicos en el Paraguay (1850-1870)*. Asunción: Asociación Cultural Paraguayo Británica, 2010.

WHIGHAM, Thomas. *La Guerra de la Triple Alianza Vol. 1/2/3*. Asunción: Editorial Santillana S.A., 2010.

NOTAS

¹ CLAUSEWITZ, Carl von. *De la guerra*. Libro VI, Capítulo 1: La Defensa. Barcelona: Idea Books, 1999.

² CORRÊA-MARTINS, Francisco José. *A la sombra de Napoleón*: planes de guerra de generales brasileiros en el comienzo de la Guerra Guazú en: MEMORIA del Sexto Encuentro Internacional de Historia sobre la Guerra de la Triple Alianza. Asunción: Asociación Cultural Manduará, 2014, pp. 88-94.

³ BENITES, Gregorio. *Primeras batallas contra la Triple Alianza*. El libro no indica lugar ni editor, pero la introducción firmada por el autor está firmada y fechada en Villarrica, 1905 p. 244.

⁴ Gregorio Benites (1834-1910) foi um diplomata, político e jornalista paraguaio próximo a Francisco Solano López. Serviu na legação paraguaia em Paris e Londres e foi contratado para adquirir materiais de guerra da Prússia. No período pós-guerra, realizou política em fileiras do Partido Colorado.

⁵ ANA- SNE- Vol. 3416- Fojas 1-30 (Archivo Nacional de Asunción, sección Nueva Encuadernación, año de 1855).

⁶ NAKAYAMA, Mateo y NAKAYAMA, Eduardo. *La Fortaleza de Humaitá: la Sebastopol de América*. Asunción: Servilibro, 2015 p. 84.

⁷ Franz Wisner von Morgenstern (1804-1878) foi cartógrafo, arquiteto e engenheiro militar, historiador e coronel austro-húngaro a serviço do governo paraguaio, tendo trabalhado nas mais diversas obras públicas durante sua atividade pública.

⁸ BENITES, Gregorio. *Primeras batallas contra la Triple Alianza*. *Op. Cit.* pp. 245-247.

⁹ The Paraguay Expedition. Harper's Weekly, edición del 19 de marzo de 1859, p. 181.

¹⁰ Roberto Chodaziewicz foi um inspetor e engenheiro polonês a serviço do Exército argentino, encomendado por Bartolomé Mitre para realizar o levantamento integral de todo o *Cuadrilátero* e cujos planos funcionam no Arquivo Mitre (Buenos Aires).

¹¹ George Thompson (1839-1876), técnico britânico contratado pelo governo paraguaio do Presidente Carlos Antonio López, foi para o Paraguai em 1858 com a idade de 19 anos. Foi treinado pelo engenheiro chefe do governo paraguaio, o também engenheiro naval britânico William Keld Whytehead, mais tarde, se tornando um dos oficiais mais confiáveis do Marechal López, alcançando o posto de coronel. Rodeado pelo Esquadrão Imperial e por 20.000 membros do Exército aliado, ele capitulou em Angostura, em 30 de dezembro de 1868, para escrever e publicar no ano seguinte, *The War in Paraguay*, uma fonte inescapável para estudar o conflito.

¹² Plano del Cuadrilátero de Roberto Chodaziewicz, cartoteca del Archivo Mitre.

¹³ NAKAYAMA, Mateo y NAKAYAMA, Eduardo. *La Fortaleza de Humaitá: la Sebastopol de América*. *Op. Cit.* pp. 86-89.

¹⁴ *Tatakúá* significa forno em Guaraní, língua indígena falada principalmente no Paraguai, Argentina e Brasil.

¹⁵ NAKAYAMA, Mateo y NAKAYAMA, Eduardo. *La Fortaleza de Humaitá: la Sebastopol de América*. *Op. Cit.* pp. 88-89.

¹⁶ CARDOZO, Efraím. *Hace 100 años*. Tomo III. Asunción: EMASA, 1977, pp. 150-151

¹⁷ NAKAYAMA, Mateo y NAKAYAMA, Eduardo. *La Fortaleza de Humaitá: la Sebastopol de América*. *Op. Cit.* p. 90 y cc.

¹⁸ ANA- SNE- Vol.3416- Fojas 110-114.

¹⁹ Robert Fischer von Treunfeld (1835-1907) foi um engenheiro telegrafista alemão que trabalhou nos Estados Unidos e em Cuba, chegando ao Paraguai em 1864, contratado pelo governo paraguaio para estender linhas e criar estações telegráficas.

²⁰ JACEGUAY, Arthur. *De Aspirante a Almirante 1860 a 1902*. Tomo s/n (1895 a 1900). Rio de Janeiro: Typographia Leuzinger, 1907, pp. 406-407.

²¹ De Caxias a Paranhos, 10 de septiembre de 1868. En: Arquivo Histórico de Itamarati (AHÍ), L 317, M 4, p. 3.

²² Richard Francis Burton (1821-1890) foi um viajante excêntrico, tradutor, orientalista, escritor e diplomata britânico, famoso por suas explorações na Ásia, África e América. Até meses antes do abandono de Humaitá, ele servira como cônsul do Império britânico em Santos. Burton destacou o estoicismo dos defensores paraguaios e a habilidade de seus artilheiros, coincidindo com outras testemunhas como Thompson.

²³ BURTON, Richard Francis. *Letters from the battlefields of Paraguay*. London: Tinsley Brothers, 1870 p. 307.

²⁴ Quando se fala em "Cuadrilátero" refere-se às quatro fortalezas de Verona, Mântua, Peschiera e Legnago, no marco da Primeira Guerra da Independência Italiana, especificamente durante a Batalha de Custoza (1848) e não do *Cuadrilátero* da Guerra da Tríplice Aliança na Campanha de Humaitá.

²⁵ *El Imparcial de Madrid*, edición del 8 de julio de 1868. Hemeroteca Digital de España.